


A subjetividade situada dos ensaios de Montaigne

Diego dos Anjos Azizi¹



Este artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

 <https://doi.org/10.32459/2447-8717e346>

Recebido: 10-10-2025 | **Aprovado:** 17-10-2025 | **Publicado:** 29-12-2025

Resumo: O presente texto tem como objetivo investigar um aspecto fundamental da noção de subjetividade que emerge dos Ensaios de Michel de Montaigne. Montaigne fala de si e sobre o mundo que o circunda a partir da primeira pessoa, e é a partir de si que ele significa aquilo que lhe acontece. Contudo, esse “eu” em primeira pessoa não é uma forma pura, uma condição a priori formal da experiência de qualquer um. Esse “eu” do qual - e a partir do qual fala -, a consciência dessa subjetividade que emana de sua própria investigação, não é transcendental nem se deixa reduzir a ele. Ao longo de todos os Ensaios, Montaigne faz questão de nos lembrar que essa subjetividade que busca narrar e fazer aparecer é situada, para que seu “eu” seja compreensível, seja em sua própria constituição, seja em relação àquilo que ele julga sobre as coisas. Qual é o sentido, portanto, dessa subjetividade que só se deixa compreender em seu aspecto situado e circunstancial? É sobre o sentido dessa subjetividade situada que a presente reflexão se foca.

Palavras-chave: Montaigne; Filosofia Moderna; Subjetividade; Circunstância

Abstract: This article aims to investigate a fundamental aspect of the notion of subjectivity that emerges from Michel de Montaigne's Essays. Montaigne speaks of himself and the world around him from the first-person perspective, and it is from himself that he gives meaning to what happens to him. However, this first-person "I" is not a pure form, nor a formal a priori condition of anyone's experience. This "I" from which—and from whose standpoint—he speaks, the consciousness of this subjectivity emanating from his own investigation, is neither transcendental nor can it be reduced to such a category. Throughout the Essays, Montaigne takes care to remind us that the subjectivity he seeks to narrate and bring to light is situated, so that his "self" may be comprehensible, both in its own constitution and in relation to his judgments about things. What, then, is the meaning of this subjectivity that only allows itself to be understood in its situated and circumstantial aspect? It is on the meaning of this situated subjectivity that the present study focuses.

Keywords: Montaigne; Modern Philosophy; Subjectivity; Circumstance

¹ Graduado em Filosofia pela PUC-SP. Especialista em Ciência Política pela FESP-SP. Mestre em Filosofia pela PUC-SP. Doutor em Filosofia pela UFPR. Professor dos cursos de pós-graduação do Centro Universitário Assunção. Pós-doutorando em filosofia pela USP.

Introdução

Ortega y Gasset, em seu livro de ensaios intitulado *Meditaciones del Quijote*, publicado pela primeira vez em 1914, escreve de modo singular – muito próximo ao estilo que o próprio Montaigne imprime em seus *Ensaïos* – que sua obra “se trata, pois, leitor, de ensaios de amor intelectual” (ORTEGA Y GASSET, 1966, p. 311)². Esse amor que o motiva a escrever se traduz no tipo de busca que o filósofo espanhol empreende:

Dado um fato – um homem, um livro, um quadro, uma paisagem, um erro, uma dor –, levá-lo pelo caminho mais curto à plenitude de seu significado. Colocar os assuntos de toda ordem, que a vida, em sua ressaca ininterrupta, joga aos nossos pés como restos inábeis de um naufrágio. Há dentro de toda coisa a indicação de uma possível plenitude. Uma alma aberta e nobre sentirá a ambição de aperfeiçoá-la, de auxiliá-la, para que atinja essa plenitude. Isso é amor – o amor à perfeição ao amado (ORTEGA Y GASSET, 1966, p. 311).

Para Ortega y Gasset, é o amor que nos permite “salvar” as coisas, das mais ordinárias – como um talher, uma pedra, um quadro – às mais extraordinárias – como nosso senso de pertencimento a um imenso mundo. Salvar as coisas é manter suas existências relevantes. Amar as coisas é colocá-las em relevo, perceber que nelas reside a possibilidade de uma plenitude, fazê-las fecundas, mesmo as mais ordinárias. Uma doutrina do amor, portanto, oferece uma possibilidade de nos reconciliar com as coisas, por mais simples e ordinárias que sejam. Diferente do ódio, um afeto que conduz à aniquilação dos valores que podem possuir as coisas, já que “quando odiamos algo, colocamos entre isso e nossa intimidade uma forte barreira de aço que impede a fusão, mesmo que temporária, da coisa com nosso espírito” (ORTEGA Y GASSET, 1966, p. 312), o amor permite que nos liguemos às coisas, que as estimemos, mesmo que sejam passageiras, fugidias, fortuitas. O amor nos permite que certa qualidade seja impressa naquilo que é amado: seu caráter imprescindível. Ele confere ao amado a condição de impossibilidade de uma vida que, sem ele – parte de nós, portanto – não pode ser estimada. “Há, por conseguinte, no amor uma ampliação da individualidade que absorve outras coisas dentro dela, que as funde com nós mesmos” (ORTEGA Y GASSET, 1966, p. 313).

Não seria a motivação dos *Ensaïos* de Montaigne, exatamente, um ato de amor? Amor a La Boétie, o amigo perdido, amor a si mesmo e ao mundo que nos circunda e que não cessa de nos atravessar? Não seria o ato inaugural de amor dos *Ensaïos* o que faz com que

² Todas as traduções feitas de obras em língua estrangeira são de minha autoria, salvo indicação contrária.

Montaigne busque reabilitar a imagem perdida de si próprio contra o aniquilamento, mesmo que fragmentada e imperfeita, imagem essa que se torna imprescindível, assim como a relação que trava com os outros e com o mundo? Foi por amor que Montaigne salvou seu próprio “eu”, lhe conferiu contornos e dotou-lhe de um relevo que, antes, não possuía.

Ortega y Gasset entende que o ser humano só consegue compreender o que ele é se tiver consciência de suas circunstâncias, estas coisas mudas que estão próximas de nós, ao nosso redor. “Não existem mais que partes na realidade; o todo é a abstração das partes e necessita delas” (ORTEGA Y GASSET, 1966, p. 321). O ser definitivo do mundo, para ele, não passa de uma perspectiva, ou seja, uma circunstância. Daí sua famosa frase “Eu sou eu e minha circunstância, e se não salvo a ela, não salvo a mim” (ORTEGA Y GASSET, 1966, p. 322). Para Ortega y Gasset, pois, o “eu” é algo que está aberto, fenomenologicamente, para aquilo que o circunda, realidade distinta dele, mas constitutiva dele, inseparável. Não há “eu” sem as circunstâncias que o rodeia.

Uso Ortega y Gasset, deliberadamente, para ilustrar um aspecto fundamental que já está presente na investigação que Montaigne faz de si mesmo e cujos *Ensaio*s são seu testemunho: não há Montaigne, nem a imagem que produz de seu “eu”, sem as circunstâncias na qual está inserido. Aquilo que liga Montaigne a seu mundo, sua metafísica *sui generis* que o permite “salvar os fenômenos” (para usar uma expressão de Aristóteles), reside em suas circunstâncias, em suas perspectivas, dramaticamente suas. Seu juízo³ organizador dos fenômenos faz com que, a partir de suas circunstâncias, seu próprio “eu” seja compreendido como um fenômeno que se apresenta a ele; o possibilita ser salvo.

Montaigne fala de si e sobre o mundo que o circunda a partir da primeira pessoa, e é a partir de si que ele significa aquilo que lhe acontece. Contudo, esse “eu” em primeira pessoa não é uma forma pura, uma condição *a priori* formal da experiência de qualquer um. Esse “eu” do qual - e a partir do qual fala -, a consciência dessa subjetividade que emana de sua própria investigação, não é transcendental nem se deixa reduzir a ele.

A primeira pessoa aqui não é um lugar vazio que pode ser ocupado por qualquer um, como o eu das Meditações [de Descartes]. É um lugar preenchido e um ponto de vista situado; identificar este lugar e explicitar seu ponto de vista é o objetivo confesso da pintura de si (BIRCHAL, 2007, p. 27).

Ao longo de todos os *Ensaio*s, Montaigne faz questão de nos lembrar que essa subjetividade que busca narrar e fazer aparecer é situada, para que seu “eu” seja

³ Para uma reflexão sobre os *Ensaio*s como exercícios do juízo, cf. AZIZI, D. Os Ensaio

compreensível, seja em sua própria constituição, seja em relação àquilo que ele julga sobre as coisas. “[B] É preciso ajustar minha história ao momento (MONTAIGNE, III, 2, 2001, p. 27)”, escreve o filósofo, quando reflete sobre a inconstância de seu ser, da diversidade encontrada ao ensaiar sua própria vida e sobre o perene movimento do mundo. O objeto de reflexão de Montaigne, como escreve, é ele mesmo, e esse “eu” que ele investiga se situa no movimento do próprio mundo, nunca universalmente, nunca plenamente: “[B] Daqui a pouco poderei mudar, não apenas de fortuna mas também de intenção” (MONTAIGNE, III, 2, 2001, p. 27). Para Montaigne não é possível conhecer seu próprio “eu” sem que ele esteja consciente das circunstâncias em que está inserido, o que faz com que ele se reconheça, universalmente, singular. “[B] Os autores comunicam-se ao povo por alguma marca particular e externa; eu, o primeiro, por meu ser universal, como Michel de Montaigne, não como gramático ou poeta ou jurisconsulto” (MONTAIGNE, III, 2, p. 28). Para que Montaigne seja conhecido, conhecidas também deverão ser suas circunstâncias. É por isso que ele sempre se insere de maneira fortuita, sempre se apresentando a partir das circunstâncias que o envolvem: a educação que recebeu, o pai e a mãe que teve, suas idiossincrasias, seu problema renal, seus casos amorosos, suas amizades, as guerras que presenciou, os cargos públicos que ocupou, as viagens que fez, os acidentes que sofreu, a fé que professava, os autores que frequentou, as leituras que fez, as reflexões e os juízos que produziu a partir de todas essas circunstâncias. Circunstâncias particulares, claro, que não podem servir como base para todo e qualquer sujeito, afinal “[A] estar em toda parte é não estar em lugar nenhum” (MONTAIGNE, I, 8, 2002, p. 45).

Montaigne não está pintando a figura de um sujeito exemplar, mas ordinário, que não visa ser paradigma para ninguém, a não ser, talvez, pelo método de se ensaiar. Ele precisa buscar em sua própria vizinhança existencial a matéria para se compor. Ele sabe que o que fala sobre si não constitui a forma pura e universal da subjetividade em geral, mas a forma pela qual o seu “eu” se constituiu.

[A] o enredo seria bem mais fácil de expor, como se vê sobre o jovem Catão: quem lhe tocou uma tecla, tocou tudo; é uma harmonia de sons muito concordantes, que não se podem contradizer. Para nós, ao contrário, são precisos tantos julgamentos específicos quantas ações. O mais seguro, em minha opinião, seria relacioná-las com as circunstâncias vizinhas, sem iniciar uma busca mais longa e sem concluir delas outra consequência (MONTAIGNE, II, 1, 2000, p. 7).

Sabemos que, quando Montaigne decide se “aposentar”, ele estava determinado a dedicar seu tempo de vida restante na frequência de si mesmo, de maneira privada, deixando sua mente correr livre e, calmamente, pensar sobre si mesmo. Mas, no ensaio 8 do

livro I, intitulado *Da ociosidade*, Montaigne descreve que suas intenções foram traídas: da vontade de frequentar a si mesmo observa não a calma e o conhecimento que buscava obter de seu “eu”, mas o nascimento da atribulação e inquietude de sua mente, que como um cavalo desgovernado produzia “quimeras e monstros fantásticos”. Seus *Ensaaios* começam a ser escritos como tentativas de compreender essa “estranheza” que, ao ser registrada, pode ser organizada pelo juízo para se fazer compreender. Montaigne vê, fortuitamente, sua própria mente ser engendrada pelo processo ocioso no qual se imiscuiu. Quando Montaigne narra o início factual de seu processo de escrita, percebemos que há um certo descompasso entre suas intenções iniciais e suas consequências. As intenções humanas não conduzem seu destino e, para Montaigne, nossos desejos ou vontades não são suficientes para determinar o curso dos eventos que transcorrerão, mesmo que estes sejam os mais próximos possíveis de nós, a saber, nossos pensamentos e nossa imaginação. O que vemos emergir dos *Ensaaios* é a “poderosa e dominante maneira com que esse senso de contingência da agência humana emerge e permeia toda a experiência que tem de si mesmo e do mundo, e o grau em que ele se torna a base de toda a sua visão da natureza e da existência humana” (REGOSIN, 2016, p. 125).

Aristóteles, na *Ética a Nicômaco*, já no livro I (1095a) nos diz que, quanto aos assuntos humanos, não podemos buscar uma verdade definitiva e absoluta, dado o fato da contingência da vida humana e da variedade de ações que podemos empreender com vistas aos mais diversos fins. Montaigne vai com frequência chamar a distância entre as intenções humanas e seus resultados de *fortune*. Essa ideia é muito frequente ao longo dos *Ensaaios*, inclusive alguns títulos de seus capítulos nos remetem diretamente a essa ideia, como o capítulo 1 do livro I, intitulado *Por meios diversos chega-se ao mesmo fim*, ou o capítulo 7 do livro I, intitulado *Que a intenção julga nossas ações*, ou mesmo o capítulo 24 do livro I (que explora a ideia oposta do primeiro capítulo), intitulado *Diversas decorrências da mesma atitude*, e muitos outros. Como podemos observar ao lermos os *Ensaaios*, Montaigne retira os seres humanos de uma concepção antiga que supunha uma hierarquia dos seres que, em última instância, dependia de uma consideração transcendente que ele não pressupõe em suas reflexões. O mundo do qual fala é o mundo humano, portanto, não há espaço para considerações sobre seres transcendentais a ele, já que ele se “encontra em um mundo onde a experiência humana permanece desconhecida e inacessível à razão humana, um efeito da força cega que ele chama de fortuna” (REGOSIN, 2016, p. 126). Ele não falará de graça, de revelação nem de nenhuma força em que ele possa reconhecer alguma pessoalidade na condução de nossos

destinos, mesmo sendo um homem fiel a Deus e reconhecendo que Ele é o Outro absoluto de nossa contingente condição.

Mesmo sendo advertido por um examinador da igreja, por usar 349 vezes a palavra “fortuna” e apenas 81 vezes a palavra “providência”, ou seja, o recurso a uma palavra secular ao invés de uma palavra religiosa, Montaigne justifica a sua postura no ensaio 56 do livro I, intitulado *Das orações*, em que escreve que os discursos teológicos e os seculares devem ser mantidos separadamente, por isso, faz a opção pela palavra “fortuna”. Ele não está escrevendo sobre nada que é divino, mas sobre aquilo que é informe e irresoluto.

[B] Vi também, em minha época, reclamarem de alguns escritos, porque são puramente humanos e filosóficos, sem mistura de teologia. No entanto, se dissessem o contrário, não seria sem alguma razão: ou seja, que a doutrina divina assume melhor sua importância isoladamente, como rainha e dominadora; que ela deve ser principal em tudo, e não subordinada e subsidiária; [...] que mais amiúde se vê o erro de os teólogos escreverem humanamente demais do que o outro erro, de os humanistas escreverem pouco teologicamente demais [...]. De minha parte, deixo-o dizer, [C] “*verbis indisciplinatis*”⁴, [B] fortuna, destino, acaso, ventura e desventura, e os deuses e outras frases, de acordo com sua maneira (MONTAIGNE, I, 56, 2002, pp. 481-482).

Montaigne está falando sobre aquilo que é dramaticamente humano, sem nenhuma divinização de nossa condição, de nosso mundo, sem nenhuma pretensão de se achar apto a interpretar qualquer mensagem divina. O que se apresenta para ele é um encontro fortuito de circunstâncias que nos conduzem, muitas vezes contra nossa vontade, a uma situação que nos compõe como aquilo que somos. A fortuna nos situa, cada um à sua maneira, segundo sua própria dança. O que fazemos com aquilo que a fortuna faz de nós é que está em nossa posse e disposição.

[B] Não me sinto seguro em minha posse e disposição. Nisso o acaso tem mais direito que eu. A ocasião, a companhia, o próprio ritmo de minha voz extraem mais de meu espírito do que nele encontro quando o sondo e o requisito a sós. Assim, as falas dele valem mais do que os escritos, se é que pode haver escolha onde não há mérito (MONTAIGNE, I, 10, 2002, p. 57).

A experiência circunstancial da morte

Em um dos ensaios mais experimentais de Montaigne, intitulado *Do exercício* (II, 6), como em nenhum outro ensaio ele se engaja no relato circunstancial de um único evento de sua vida – inclusive ele evita falar de suas experiências passadas com tamanha ênfase. E,

⁴ Em termos não aprovados.

lembramos, os *Ensaaios* não são uma biografia. Montaigne não está relatando seus passos, a história de sua vida, e sim exercitando seu juízo acerca de variados temas que, fortuitamente, se apresentam a ele. O sua subjetividade aparece enquanto ele exerce seu juízo. Contudo, nesse ensaio Montaigne nos conta sobre como algumas de suas considerações sobre a morte se desenvolveram a partir de um acidente a cavalo que sofreu e que quase o matou. Ele é extremamente detalhado em seu relato e deixa claro como aquela experiência o marcou profundamente e como aquilo que ele é, é em grande medida, devedor das experiências que teve. A sua preocupação com a morte, fato incontornável de seus *Ensaaios*, surge a partir da circunstância singular de sua experiência com ela.

O pensamento de Montaigne sobre qualquer tópico importante é complexo, contendo uma diversidade de perspectivas que representam mais do que simples ecletismo ou incapacidade de organizar seus pensamentos em um sistema. Inerente à sua visão mais profunda da natureza do universo está a crença de que todo ser, todo evento, todo assunto é variado e pode ser legitimamente visto por uma multidão de ângulos, cada um dos quais apresenta de alguma forma uma imagem válida, ainda que parcial, de seu objeto (BRUSH, 1980, pp. 27-28).

Montaigne nos diz, no início de seu ensaio, que a experiência deve acompanhar nosso raciocínio e nossa instrução para exercitarmos e formarmos nossa alma. Uma alma que não experiencia aquilo que pretende compreender é inapta para realizar tal tarefa. Contudo, uma coisa é impossível de experienciar: nossa própria morte. “[A] Podemos, por uso e por experiência, fortalecer-nos contra as dores, a vergonha, a indigência e outros infortúnios semelhantes; mas, quanto à morte, só podemos experimentar uma vez; somos todos aprendizes quando a ela chegamos” (MONTAIGNE, II, 6, 2000, p. 59). Não podemos experimentá-la, segundo Montaigne, mas podemos nos aproximar dela, de maneira parcial e imperfeita, mas de tal forma que podemos nos acostumar com ela.

Montaigne lembra de um episódio de quase-morte que narra de maneira instigante e interessante: “Fale-me sobre sua perna quebrada recentemente ou sobre alguma queda acidental e eu fico entediado; fale-me sobre o ato de morrer e eu sou todo ouvidos” (BRUSH, 1980, p. 23). Em sua narração, Montaigne nos diz que em um determinado dia foi passear perto de sua casa a cavalo, tendo escolhido um cavalo dócil, mas pouco firme. No retorno, um de seus funcionários, como ele bem lembra, grande e forte, havia montado um cavalo de carga robusto e bem arredio. Em um arroubo violento, o robusto cavalo atropela e cai sobre

[A] o homenzinho e o cavalinho, arremessando-nos ambos de pernas para cima; de tal forma que eis o cavalo derrubado e jazendo totalmente atordoado; eu dez ou doze passos além, morto, estendido de costas, o rosto todo pisado e esfolado, a espada que trazia na mão a mais de dez passos além, o cinto em pedaços, sem

movimento nem percepção, não mais que um cepo (MONTAIGNE, II, 6, 2000, p. 63).

Montaigne faz questão de enfatizar que ele e seu cavalo eram “homenzinho e cavalinho” e, como um espectador vendo toda a cena de fora, explicitando o caráter fraco e indefeso de ambos. Seu próprio corpo e sua fisionomia são observados, também, como outros. Seus funcionários, ao se depararem com a cena do Montaigne desfalecido, julgaram que ele estava morto e levaram-no até seu castelo, onde tinham certeza de que ele já estava morto. Após duas horas ele começa a se mover e respirar. “[A] Puseram-me de pé, quando então vomitei um balde cheio de golfadas de sangue vivo” (MONTAIGNE, II, 6, 2000, p. 63). O relato de Montaigne é assustador e cheio de ação, mas o que mais impressiona é a forma como ele analisa seu estado psíquico durante sua experiência de quase morte. Gustave Lanson (1930, p. 107), inclusive, chama a atenção para uma grande originalidade que aparece neste ensaio, segundo ele, a primeira aparição do subconsciente na literatura francesa. Não é sem motivo, pois, que Freud se interessou vividamente pelos *Ensaio*s de Montaigne⁵. “[A] Essa recordação que trago fortemente impressa na alma, representando-me sua fisionomia e sua imagem tão semelhante à verdadeira, de certa forma concilia-me com ela” (MONTAIGNE, II, 6, 2000, pp. 63-64). Como a morte não pode ser experimentada e comunicada, Montaigne encontra em sua experiência de quase morte uma semelhança, uma possibilidade de se aproximar do que ela pode ser realmente. Encontra em seu estado corporal e anímico uma relação necessária, e narra que quando sua consciência retorna, retornam também as funções do corpo. “[A] Quanto às funções da alma, elas nasciam na mesma progressão que as do corpo” (MONTAIGNE, II, 6, 2000, p. 64). Seus pensamentos, assim como sua visão e audição começavam a aparecer simultaneamente, assim que se recuperava dos ferimentos. Curiosamente, Montaigne afirma que fechava os olhos para ajudar a expulsar a vida de seu corpo, que pensava estar sustentada apenas por um sopro, sentindo prazer e alívio ao se entregar para a morte. “[A] Era uma fantasia que se limitava a flutuar superficialmente em minha alma, tão frágil e tão fraca quanto todo o restante, mas em verdade não apenas isenta de desprazer como mesclada a essa doçura que sentem os que se deixam deslizar para o sono” (MONTAIGNE, II, 6, 2000, p. 64).

Há, nessa experiência íntima de Montaigne com a (quase) morte⁶, o reconhecimento de que há algo em nós que não está em nosso controle. “Esta é uma descoberta que ele gosta

⁵ Para uma consideração mais robusta sobre a relação da psicanálise com Montaigne, cf. FRECCERO, C. *Early modern psychoanalytics: Montaigne and the melancholic humanism*. *Qui Parle*, Vol. 11, Nº 2, 1999, pp. 89-114.

⁶ Curioso notar como a fortuna conduz nosso destino no mundo. Montaigne, em seu acidente violentíssimo, tinha tudo para morrer, mas sobreviveu e se recuperou totalmente. Sorte oposta teve seu irmão mais novo, Arnaud, morto por causa da pancada de uma bola de tênis na cabeça.

de comunicar: até mesmo os antigos, exceto talvez dois ou três, dos quais só conhecemos os nomes, não sabiam disso e mal praticavam a análise psicológica. Montaigne sente a grandeza de seu propósito e não nos deixa ignorá-la” (LANSON, 1930, p. 107). Montaigne escreve que “[A] há em nós vários movimentos que não partem de nosso comando [...]” (MONTAIGNE, II, 6, 2000, p. 67) e que a alma, mesmo não estando consciente, ainda funciona de alguma forma em conjunto com o corpo. “Ele descobre que suas capacidades mentais foram amortecidas junto com as físicas, de modo que ele não estava consciente de nenhuma dor” (BRUSH, 1980, p. 25).

A “análise” psicológica que Montaigne faz de suas funções corporais e anímicas, a partir da circunstância singular de seu grave acidente o faz não apenas refletir sobre a familiarização com a morte, mas principalmente sobre o estudo que faz de si próprio enquanto sujeito.

[A] Essa história de um acontecimento tão frívolo é bastante vã, a não ser pelo ensinamento que dele tirei para mim; pois, na verdade, para familiarizar-se com a morte, acho que basta avizinhar-se dela. Ora, como diz Plínio, cada qual é uma excelente disciplina para si mesmo, contanto que tenha a capacidade de se observar de perto. Não está aqui a minha doutrina, e sim o estudo de mim mesmo; e não é a lição de outrem e sim a minha própria (MONTAIGNE, II, 6, 2000, p. 69).

A fortuna que o conduziu até o acidente o permitiu identificar que há, em nós, certas disposições físicas e anímicas que, dependendo de suas circunstâncias, operam inconscientemente de maneira independente em relação à nossa vontade. A narração desse “acontecimento frívolo e vão” serve para identificarmos em Montaigne o poder fulminante das circunstâncias, instituídas pela fortuna e que são, cada uma a seu modo, recepcionadas por nós de acordo com nossas possibilidades.

[B] Quem se lembrar dos males em que incorreu, dos que o ameaçaram, das frívolas circunstâncias que o moveram de um estado para outro, prepara-se com isso para as mutações futuras e para o reconhecimento de sua condição. A vida de César não contém mais exemplos do que a nossa para nós; e, tanto imperadora como popular, é sempre uma vida a quem todas as circunstâncias humanas concernem (MONTAIGNE, III, 13, 2001, p. 436).

A subjetividade situada dos *Ensaíos*

Há ao longo dos *Ensaíos* inúmeras referências que Montaigne faz à nossa condição situada enquanto sujeitos. Nossos “eus” são configurados de acordo com as relações que travam em um conjunto de circunstâncias que nos moldam. A própria religião é aceita pelos sujeitos, em grande parte, por uma contingência que conjuga a época, o lugar, a cultura: “[B]

Somos cristãos a mesmo título que somos perigordinos ou alemães” (MONTAIGNE, II, 12, 2000, p. 170). Montaigne é muito consciente do caráter situado de sua própria condição ordinária e nada exemplar. Assim como ele acredita que se tivesse nascido na Índia, muito provavelmente professaria a fé dos vedas, também acredita que só é cristão e católico por uma série de circunstâncias que confluíram para a constituição de sua existência tal como ela é. Montaigne sabe que ele não é Catão (um dos homens que Montaigne mais admira e que considera exemplar⁷); falar sobre si é falar sobre alguém que se constitui de forma dissonante e fragmentada.

[A] o enredo seria bem mais fácil de expor, como se vê sobre o jovem Catão: quem lhe tocou uma tecla, tocou tudo; é uma harmonia de sons muito concordantes, que não se podem contradizer. Para nós, ao contrário, são precisos tantos julgamentos específicos quantas ações. O mais seguro, em minha opinião, seria relacioná-las com as circunstâncias vizinhas, sem iniciar uma busca mais longa e sem concluir delas outra consequência (MONTAIGNE, II, 1, 2000, p. 7).

Para que Montaigne possa fazer um julgamento sobre si, é preciso, pois, que ele se relacione às “circunstâncias vizinhas” e não se distancie delas. São elas que darão o quadro para que ele possa se pintar e seu retrato só pode fazer sentido se estiver situado dentro das condições nas quais foi possível se pintar. Montaigne se “contrapõe às noções abstratas e genéricas, e aponta a experiência de si como o único saber capaz de orientar, de alguma maneira, nossas ações, sempre singulares, circunstanciadas, e referidas a situações particulares” (CONCEIÇÃO, 2014, p. 18).

A fortuna é grande responsável pela instituição de certas circunstâncias que nos fornecem matéria para nossas próprias experiências e para a constituição daquilo que podemos chamar de um “eu”. A influência estoica, nesse sentido, é patente em Montaigne, pois ele está convencido de que não é possível fazer nada em relação à fortuna e não temos nenhuma voz em relação àquilo que nos acontece. Contudo, somos livres para receber internamente aquilo que nos acontece, já que nossa vontade é livre e, por intermédio dela, podemos nos adaptar às contingências de nossa vida. “[B] Não podendo comandar os acontecimentos, comando a mim mesmo, e adapto-me a eles se eles não se adaptam a mim” (MONTAIGNE, II, 17, 2000, p. 468). Adaptar-se aos acontecimentos é fazê-los parte constitutiva de nós mesmos, assim, a experiência que temos deles nos apresenta formas de nos construirmos enquanto sujeitos.

⁷ Há, aparentemente, uma contradição nesse trecho. Se lermos os *Ensaïos* como um todo, compreendemos que em Montaigne não há mais a ideia de exemplaridade, contudo, alguns nomes que aparecem nos *Ensaïos*, como os de Catão ou Sócrates, ainda parecem servir de imagem, de exemplo, como grandes figuras que são, extraordinárias, de cujos exemplos podem nos inspirar, mas que nunca poderemos imitar.

Montaigne sabe que não há uma única figura de si mesmo, universal, pura, que seja a mesma em todas as circunstâncias. As experiências que temos no mundo muda a própria fisionomia de nosso “eu”, multifacetado e cambiante.

[A] Aquele que ontem vistes tão aventureiro, não estranheis vê-lo igualmente poltrão no dia seguinte: ou a cólera, ou a necessidade, ou a companhia, ou o vinho, ou o som de uma trombeta lhe havia posto ânimo no ventre; esse não é um ânimo formado pela razão; aquelas circunstâncias fortaleceram-no; não é de espantar se o vedes transformado em outro por outras circunstâncias opostas (MONTAIGNE, II, 1, 2000, p. 9).

Esse “eu” que Montaigne está pintando, diferente de uma tradição que se configurou na filosofia posterior, nunca deixou de ser uma pessoa, um ser humano. Não apenas ele pode ser reconhecido pela alteridade, seja pela relação com seu próprio corpo – já que, como vimos, ele também experimenta seu corpo como um outro – seja pela relação com as pessoas, com o mundo, com a verdade, mas também pelas experiências situadas em um mundo contingente movido pela fortuna. Os encontros com a sorte mudam nossa própria fisionomia, nossa própria personalidade.

“[B] Enfim, este cosido que eu afervento aqui não é mais que um registro dos ensaios de minha vida, que, para a saúde interior, é bastante exemplar desde que se tome a contrapelo a instrução” [...]. Se se deve reconhecer o que ela carrega de ironia, esta observação não deixa de registrar a profunda consciência que Montaigne tem do caráter, não apenas situado e pessoal, mas também valorativo, de suas observações (BIRCHAL, 2007, p. 191).

Conclusão

A consciência que Montaigne tem da situação circunstanciada de seu próprio “eu” o permite exercitar seus juízos a partir de perspectivas distintas. Ele se observa e retira da experiência de si material para valorar suas ações, o conhecimento humano, o mundo ou qualquer outra matéria que se apresente à sua consciência. O “eu” que se reconhece só pode fazê-lo de acordo com as disposições que o situam, singularmente, em um “estado de coisas” que permite a ligação de tudo o que acontece com ele mesmo.

[B] Não somente o vento das ocorrências move-me segundo sua inclinação, mas além disso eu próprio movo-me e abalo-me pela instabilidade de minha postura; e quem se observa com prioridade dificilmente se vê duas vezes no mesmo estado. Dou à minha alma ora um semblante ora outro, dependendo do lado em que a coloco. Se falo diversamente de mim é porque me olho diversamente. Em mim se encontram todas as contradições, sob algum aspecto e de alguma maneira. Tímido, insolente; [C] casto, luxurioso; [B] tagarela, taciturno; robusto, delicado; engenhoso, estúpido; triste, bem-humorado; mentiroso, sincero; [C] sábio, ignorante, e liberal, e avaro, e pródigo, [B] tudo isso vejo em mim de alguma

forma, conforme me perscruto; e qualquer um que se estude bem atentamente encontra em si, e até mesmo em seu discernimento, essa volubilidade e discordância. Nada tenho a dizer sobre mim de forma integral, simples e sólida, sem confusão e mescla, nem em uma só palavra. DISTINGO é o artigo mais geral de minha LÓGICA (MONTAIGNE, II, 1, 2000, pp. 9-10).

Já sabemos que os *Ensaíos* se configuram como a física e a metafísica de Montaigne, mas no trecho citado acima, também vemos o filósofo de nova figura se referindo ao seu texto como a sua lógica. Isso porque Montaigne, já no século XVI, está fazendo um movimento que reverberará em toda a filosofia posterior, inclusive a de nossa época, a saber, estabelecer a sua filosofia como uma atividade capaz de operar distinções. O que é a nossa capacidade de julgar senão a de operar distinções? A ação do juízo de Montaigne o permite operar um pensamento reflexivo que visa, antes de mais nada, identificar distinções sobre si mesmo e, a partir daí, identificar distinções sobre aquilo que acontece no mundo.

[C] Aos exemplos poder-se-ão com propriedade acrescentar todos os mais proveitosos argumentos da filosofia, pela qual se devem tocar as ações humanas como regra para elas. Dir-lhe-ão [...] [A] o que é saber e ignorar, qual deve ser o objetivo do estudo; o que é coragem, temperança e justiça; qual a diferença entre a ambição e a avareza, a servidão e a submissão, a licenciosidade e a liberdade; por quais marcas se conhece o verdadeiro e o sólido contentamento; até onde é preciso temer a morte, a dor e a desonra, [...] quais impulsos nos movem, e a causa de tantas agitações em nós” (MONTAIGNE, I, 26, 2002, p. 237).

Montaigne, como já vimos, não constrói uma doutrina e, segundo ele próprio, não tem nada para ensinar a ninguém. O seu pensamento e o exercício de seu juízo não produzem nenhuma ciência, mas distinções, a saber, aquelas entre o bem e o mal, o justo e o injusto, a felicidade e o sofrimento, a vida boa e a vida má. A sua lógica o permite fazer uma análise que distingue os diversos elementos e as diversas condições que tornam ele o “eu” que aparece no exercício de seus *Ensaíos*. O que Montaigne faz é tentar compreender aquilo que ele é, enquanto é, em um mundo contingente guiado pela fortuna.

[B] de maneira que, assim como os frutos nascem diferentes, e os animais, também os homens nascem menos e mais belicosos, justos, moderados e dóceis: aqui sujeitos ao vinho, acolá ao furto ou ao deboche; aqui inclinados à superstição, acolá à descrença; [C] aqui à liberdade, ali à servidão; [B] capazes de uma ciência ou de uma arte, grosseiros ou engenhosos, obedientes ou rebeldes, bons ou maus, conforme favorecer a tendência do lugar onde estão instalados, e adquirem uma nova compleição se forem mudados de lugar, como as árvores (MONTAIGNE, II, 12, 2000, p. 364).

Ao se compreender como um sujeito radicalmente situado, Montaigne nos indica que não é possível tentar compreender e conhecer a si mesmo sem que saibamos de onde é que falamos e a partir de quais circunstâncias nos construímos. Esse modo de pensar é menos um exercício de submissão a um determinismo absoluto e mais um exercício de liberdade

que nos oferece condições para que nos integremos e signifiquemos aquilo que acontece conosco. Saber operar distinções entre nossos próprios “eus” e também entre os fatos que ocorrem no mundo nos permite movimentarmos por eles, aprender com eles a nos conduzirmos com mais contundência em um mundo que facilmente nos mergulha na indistinção e no completo desconhecimento de nós mesmos e do próprio mundo. Maria Isabel Limongi escreve algo sobre Hume (um grande receptor da filosofia de Montaigne) que, acredito, serve como uma luva à filosofia montaigniana:

O seu legado mais importante talvez esteja no modo como antecipou e ofereceu uma alternativa à noção de sujeito, tal como será pensada por Kant, isto é, de um sujeito constituinte da própria experiência, que para Hume não é transcendental, mas empírico, como mostrou Deleuze (LIMONGI, 2011, s/p).

Se o que escrevi até aqui fez algum sentido, então é possível observar que para Montaigne, seu “eu” é constituído a partir das experiências que trava com o mundo, ao mesmo tempo em que constitui suas próprias experiências ao significá-las a partir de uma relação situada e singular. Ao falar do seu próprio “eu”, Montaigne está falando, também, dos humanos em geral. O “eu” é o humano e é apenas singularmente que ele se mostra como universal. Ele se configura como um exemplo ordinário da humana condição que é dada a partir destas coordenadas que, se observadas de perto, cada uma a seu modo, se revelam como a experiência da própria humanidade que, diferente de como pensa Heidegger, não está lançada no mundo, mas nasce no mundo e, a partir dele, pode se movimentar nele buscando uma vida que valha a pena ser vivida.

Referências

- AZIZI, D. **Os Ensaios de Michel de Montaigne como exercícios do juízo.** *Trans/form/ação: revista de filosofia da Unesp*, Marília, v. 47, n. 6, e02400242, 2024.
- BRUSH, C. **Montaigne Tries Out Self-Study.** *L'Esprit Créateur*, vol. 20, no. 1, 1980, pp. 23 – 35.
- BIRCHAL, T. **O eu nos ensaios de Montaigne.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- CONCEIÇÃO, G. **Montaigne e a política.** Cascavel: Edunioeste, 2014.
- FRECCERO, C. **Early modern psychoanalytics: Montaigne and the melancholic humanism.** *Qui Parle*, Vol. 11, N° 2, 1999, pp. 89-114.
- LANSON, G. *Les Essais de Montaigne: étude et analyse.* Paris: Mellotée, 1930.
- LIMONGI, M. **Uma alternativa à noção de sujeito** (entrevista). *IHU on-line*, edição 369, 2011. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3993-maria-isabel-limongi-2> (acessado em 11/09/2025).

MONTAIGNE, M. **Ensaaios - Livro I**. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MONTAIGNE, M. **Ensaaios - Livro II**. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MONTAIGNE, M. **Ensaaios - Livro III**. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ORTEGA Y GASSET, J. *Meditaciones del Quijote in Obras Completas (7ª ed): Tomo I*. Madrid: Revista de Occidente, 1966.

REGOSIN, R. *Prudence and the Ethics of Contingency in Montaigne's Essais* in LYONS, J; WINE, K. (Ed.) *Chance, Literature, and Culture in Early Modern France*. London/New York: Routledge, 2016.